"Amigos, sigamos a cruz, porque se tivermos fé, com este sinal venceremos": a simbologia cristã como expressão da mentalidade de cruzada na conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521)

Guilherme Queiroz de Souza*

Resumo:

Esta pesquisa analisa a importância do emprego dos símbolos cristãos durante as etapas da conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521) pelos "espanhóis". Neste sentido, apontaremos os principais símbolos religiosos que os conquistadores carregavam, particularmente o estandarte com a imagem da Virgem Maria representada e a bandeira de Cortés com a efígie da cruz, contendo a inscrição latina: "*Amici, sequamur crucem, et si nos fidem habemus, vere in hoc signo vincesus*". Tais objetos faziam parte dos componentes que ajudavam aumentar o moral da tropa, necessários ao triunfo cristão. Para tanto, utilizaremos como fontes os relatos de alguns "soldados-cronistas".

Palavras-chave: conquista de México-Tenochtitlán; símbolos cristãos na guerra; religiosidade dos conquistadores.

Abstract:

This search analyzes the importance of Christian's symbols use during the stages of the Mexico-Tenochtitlán conquest (1519-1521) by the "Spaniards". In this sense, we will point to the principal religious symbols that the troop carry, principally the standard with the image of the Virgin Mary and the Cortes's flag, with the cross's effigy, containing the Latin inscription: "*Amici, sequamur crucem, et si nos fidem habemus, vere in hoc signo vincesus*". Such objects were making part of the components that were helping to increase the troop's moral, necessary to the Christian triumph. For this, we will use as sources the reports of some "chroniclers-soldiers".

Keywords: Mexico-Tenochtitlán conquest; Christian's symbols at the war; conqueror's religiosity.

* Mestrando em História (Capes/Reuni) da UFSJ. Orientador: Prof. Dr. Moisés Romanazzi Tôrres. E-mail: guilhermehistoria@yahoo.com.br.

> "*Y como traíamos la bandera de la cruz, pugnábamos por nuestra fe y por servicio de vuestra sacra majestad en su muy real ventura, nos dió Dios tanta victoria que les matamos mucha gente, sin que los nuestros recebiesen dano*" (CORTÉS, 1971: 38)

A frase de Cortés não deve ser entendida em total sentido figurado. Os conquistadores levavam, literalmente, além da flâmula da coroa da Espanha, estandartes e bandeiras carregando cruzes e imagens religiosas: símbolos[1] da fé cristã.[2]

Estes símbolos já eram usados durante o período medieval como parte das insígnias que representavam o cristianismo, conferindo um toque celestial àquelas empresas terrenas, uma necessidade dos "espanhóis" naquele tempo (FRIEDERICI, 1973: 311). "Que combatente poderia ignorar que, em 1212, em Las Navas de Tolosa, as bandeiras e as cruzes carregadas pelos guerreiros cristãos tinham derrubado os mouros com seu resplendor?" (CARDAILLAC, 1979: 302 *Apud* BERNAND & GRUZINSKI, 2001: 75).

Após a queda de Málaga (1487), por exemplo, um monge subiu na torre do Alcazaba e abriu a bandeira cristã, símbolo do triunfo da "verdadeira fé". Em Granada, também ocorreu uma ação semelhante, no momento em que a cruz levada como símbolo que guiava a tropa, um presente do papa Sisto IV (1471-1484), foi posta no alto do Alhambra. A Ordem de Santiago também foi representada na conquista de Granada, quando seu comendador, García de Castrillo, fincou a bandeira da ordem no Alhambra (DEMURGER, 2002: 121).

Logicamente não atribuímos nenhum caráter mágico fundamental no triunfo cristão ao estandarte e as bandeiras, os classificando ao nível de relíquias; mas certamente a iconografia representada era um fator que, na mentalidade dos conquistadores, somava-se aos componentes bélicos e supostamente revitaliza as forças cristãs.

De fato, a religiosidade desempenhava um papel crucial na motivação da tropa. Os soldados também traziam diversos objetos para sua proteção, como pequenas representações de santos e crucifixos. Os objetos sagrados como a hóstia, as relíquias, a cruz, mas também os diversos amuletos – igualmente mantém o demônio a distância (BASCHET, 2006: 385).

---

[1] "Os símbolos constituem o núcleo dos sistemas culturais, pois é com eles que formamos pensamentos, idéias e outras maneiras de representar a realidade para os outros e para nós mesmos" – JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 206.

[2] "O portador de uma bandeira ou de um estandarte ergue-o acima de sua cabeça. De certo modo, lança um apelo ao céu, cria um elo entre o alto e o baixo, o celeste e o terreno. (...) No plano cristão, a bandeira simboliza a vitória do Cristo ressuscitado e glorioso. (...) A bandeira é elevada, o homem a estende e assim faz com a contemplação voltada para os bens celestes. Estar suspenso acima da terra é ser iniciado nos segredos divinos" – CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995, p. 118-119.

Símbolo maior do cristianismo, a cruz, seja em suas diferentes formas, fazia parte das alternativas não-bélicas que traziam importantes energias ao início do triunfo cristão. Dentro das representações dos conquistadores, todas com uma mentalidade cristã, a cruz é considerada o referente mais claro do pertencimento à "verdadeira" religião, a "única verdade" do mundo: o cristianismo (HORMAECHE, s/d: 03).

Na Idade Média, os primeiros cavaleiros que partiram nas Cruzadas tinham em suas vestes cruzes costuradas. O ato de "revestir-se da cruz" era entendido como garantia de proteção e do sucesso militar cristão. Durante a conquista de México-Tenochtitlán, a cruz era considerada um emblema por antonomásia, uma manifestação de Deus, cuja onipotência protegia o pequeno exército de Cortés (GRUNBERG, 2004: 99). Como nos informa Andrés de Tapia, Cortés trazia hasteada em sua nau, "una bandera de unos fuegos blancos y azules[3] y una cruz colorada[4] en medio; y la letra de ella era: Amici, sequamur crucem, et si nos fidem habemus, vere in hoc signo vincesus" (TAPIA, 1988, 67).[5]

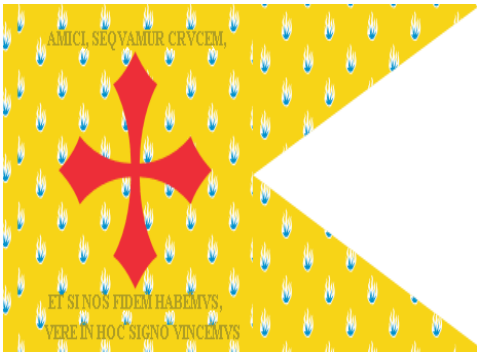
A bandeira, neste sentido, é tradicionalmente entendida com um símbolo de proteção, concedida ou implorada (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1995: 118). Bernal Díaz também registra o mesmo objeto que Tapia. Segundo o autor da *Historia verdadera*, Cortés,

> "*mandó hacer dos estandartes y banderas labradas de oro con las armas reales y una cruz de cada parte con un letrero que decía: 'Hermanos y compañeros: sigamos la señal de la Santa Cruz con fe verdadera, que con ella venceremos'*" (DÍAZ DEL CASTILLO, 1976: Cap. 20, p. 33).

[3] O uso das cores azul e branco não é aleatório. "No combate entre o céu e a terra, o azul e o branco aliam-se contra o vermelho e o verde, tal como é atestado na iconografia cristã (...) exprimem o desapego aos valores deste mundo e arremesso da alma liberada em direção a Deus" – CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números*, p. 108-109.

[4] Colorado, ou seja, vermelho. Dentro de uma perspectiva militar, o vermelho é uma cor que "encoraja, provoca (...) é o vermelho das bandeiras, das insígnias (...) com essa simbólica guerreira, parece que o vermelho é o lugar da batalha" – CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números*, p. 944-945.

[5] Inscrição latina: "Amigos, sigamos a cruz, porque se tivermos fé, com este sinal venceremos".



A bandeira de Hernán Cortés. Desenho de Juan Manuel Gabino Villascán, julho 2005. Disponível em:
<http://www.crwflags.com/fotw/images/m/mx_1519a.gif>

Segundo Hans-Jürgen Prien, semelhante ao Imperador Constantino I (306-337 d.C.), Cortés considerava sua empresa desejada por Deus. Em 312, antes de travar e vencer a batalha da Ponte Milvius contra o usurpador Maxêncio, Constantino supostamente viu uma cruz e escutou uma frase em grego, na qual normalmente se faz referência em latim: "*In hoc signo vinces*" (PRIEN, 1996: 26). Depois, mandou gravar nos escudos dos soldados um sinal similar à mensagem de Cristo em forma de cruz (H. KRAFT, 1960: 1104 *Apud* PRIEN, 1996: 26).

De acordo com Luis Weckmann, a bandeira de Cortés também possui raízes medievais, no *vexillum sancti Petri*. Tal objeto era enviado pelos papas anteriores ao período das Cruzadas como símbolo de caráter religioso da guerra aos normandos, guerreiros que muitas vezes se declaravam vassalos do pontífice e lutavam em nome dele, por exemplo, no sul da Península Itálica (ocupada pelos árabes). Esse estandarte também foi enviado a Guilherme, *o Conquistador*, quando este preparava sua expedição, em 1066, contra a Inglaterra anglo-saxã (WECKMANN, 1994: 120).

Após chegarem, os conquistadores também fincavam cruzes de madeira nos locais que desembarcavam, como parte do processo de conquista espiritual: "y quedóles una cruz de madera grande puesta en alto, y quedaron muy contentos, y dijeron que la tendrían en mucha veneración y la adorarián" (CORTÉS, 1971: 17).

Por sua vez, o estandarte de Cortés, que trazia estampada a imagem da Virgem Maria (*Inmaculada Concepción*) da qual o marquês era devoto,[6] se tornou um importante componente para garantir a proteção dos "espanhóis", já que "mais ainda que os santos, a Virgem torna-se a protetora suprema" (BASCHET, 2006: 385).

Ao analisarmos a obra *Historia verdadera*, de Bernal Díaz, descobrimos um indício do referido objeto: "la bandera que traía el Bolante era figurada la imagen de Nuestra Señora la

[6] Hernán Cortés era devoto da Virgem de Guadalupe de Extremadura.

Virgen Santa María" (DÍAZ DEL CASTILLO, 1976: Cap. 141: 302). O soldado de Cortés que carregava o estandarte era Juan Bolante, que em umas das batalhas contra os mexicas, mesmo ferido e preste a se afogar, manteve-se firme levando o objeto com a imagem da Virgem Maria.

No século XI, o culto à Virgem Maria assumiu toda sua amplitude e desde então não parou de crescer (LE GOFF, 2005: 203-204). Dois séculos mais tarde, a Virgem já era, mais ainda que os santos, a protetora suprema (BASCHET, 2006: 385) e, no final da Idade Média, nas ordens militares, ela era mais invocada que o próprio Cristo (DEMURGER, 2002: 161). Os templários, as ordens ibéricas da esfera cisterciense (Calatrava, Avis e Alcântara) e os teutônicos eram exemplos de ordens que se colocavam sob a invocação da Virgem (DEMURGER, 2002: 162). A imagem da Virgem também atuou como representação na Reconquista, inflamando o ardor dos guerreiros – uma delas ornando mesmo a sela do cavalo do rei Fernando III – que, agradecidos, encaminhavam parte dos saques para seus altares (GARRIDO BONAÑO, 1955: 47-52 *Apud* FRANCO JÚNIOR, 1990: 173).

A adoração à Imaculada Conceição adquiriu crescente devoção no final do século XV, em parte por obra do papa Sisto IV que havia aprovado a festa da Conceição de Maria (1476). Foi também nesse período que se fixou a iconografia da Virgem, a Imaculada Conceição.

Na conquista de México-Tenochtitlán, segundo Elisa Vargaslugo, o culto a Imaculada Conceição foi introduzido pelas guerras de conquista, onde Cortés utilizou sua imagem no estandarte, a primeira representação da Virgem que os nativos viram (VARGASLUGO, 2004: 67).

O estandarte de Hernán Cortés com a imagem da Virgem Maria (*Inmaculada Concepción*) representada. Ao redor da imagem encontra-se a frase em espanhol: *Este Estandarte es el que trajo Dn. Fernando Cortés en la conquista de México*. Esta réplica acima foi exposta no Museo de El Carmen (México), estando disponível em: <http://www.arts-history.mx/semanario/imagen/25102006154803/25102006_b1_.jpg>. **O estandarte original se localiza no Museo Nacional de Historia "Castillo de Chapultepec", México.**

Este símbolo mariano foi utilizado durante todo o processo da conquista como recurso de conversão dos nativos, no qual os conquistadores o mostravam aos povos que iam encontrando. O estandarte significava o triunfo da Espanha, pois recordava as façanhas de Cortés e o início do culto da *Inmaculada Concepción*, que se difundiu em terras mexicanas com a mesma intensidade, solenidade e grande entusiasmo, com que se celebraria um dogma (VARGASLUGO, 2004: 70-71).

Outro possível estandarte ou bandeira carregada pela tropa de Cortés teria uma imagem da pomba com a representação do Espírito Santo, a terceira pessoa da Santísima Trindade. Nossas fontes não dizem nada a respeito de tal objeto, apenas o *Códice Azcatitlan,*[7] produzido no período colonial, possui a ilustração mencionada. Entretanto, não seria surpresa se tal objeto tivesse sido carregado pela tropa de Cortés durante a expedição.

Guerrear pela religião era uma característica dos conquistadores, homens que se punham sob a proteção de um santo patrono, levando bandeiras e estandartes especiais, que possuíam a imagem da cruz, de um santo ou da Virgem Maria (FRIEDERICI, 1973: 335). A aparência desejada pelos conquistadores através da simbologia cristã era que a Conquista foi uma verdadeira guerra em nome de Deus.

Fontes:

AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España.* Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán* / J. Díaz... [*et al*.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 161-206.

CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación.* México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España.* México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976.

TAPIA, Andrés de. *Relación de algunas cosas de las que acaecieron al muy ilustre señor don Hernando Cortés, marqués del Valle, desde que se determinó ir a descubrir tierra en la Tierra Fierme del Mar Océano*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán* / J. Díaz... [*et al*.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 67-123.

[7] *Codex Azcatítlan/Códice Azcatítlan*. Paris: Bibliothèque Nationale de France/Société des Américanistes. Para ver a ilustração mencionada, acessar: <http://www.lib.uci.edu/libraries/exhibits/meso/colonial2.html>

Bibliografia:

BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América.* Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.

BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550).* São Paulo: EDUSP, 2001.

CARDAILLAC, Louis. *Moriscos y Cristianos: Un Enfrentamiento Polémico (1492-1640).* México, D. F.: FCE, 1979, p. 302. *Apud* BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*, p. 75.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1990.

COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica.* Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998.

DEMURGER, Alain. *Os cavaleiros de Cristo: As ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros. Feudo-Clericalismo e Religiosidade em Castela Medieval.* São Paulo: Hucitec, 1990.

FRIEDERICI, Georg. *El carácter del descubrimiento y de la conquista de América.* México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1973.

GARRIDO BONAÑO, M. *La Virgen María en la Reconquista española*. Consigna, 15, 1955, p. 47-52. *Apud* FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros. Feudo-Clericalismo e Religiosidade em Castela Medieval.* São Paulo: Hucitec, 1990, p. 173.

GRUNBERG, Bernard. *El universo de los conquistadores: resultado de uma investigación prosopográfica.* Iztapalapa: Signos Históricos, nº 12, Universidad Autónoma Metropolitana, 2004, p. 94-118.

HORMAECHE, Lisandro David. *Los símbolos del nosotros frente al otro en la Nueva España durante la dominación española (s. XVI y XVII).* Instituto de Historia Americana: Universidad Nacional de La Pampa.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LAFAYE, Jacques. *Los conquistadores*. México, D. F.: Siglo XXI Editores - oitava edição, 1991.

LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média.* Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

PRIEN, Hans-Jürgen. *La Justificación de Hernán Cortés de su conquista de México y de la conquista española de América.* Revista complutense de Historia da América, nº 22, UCM, Madrid, 1996, p. 11-31.

RICARD, Robert. *La conquista espiritual de México.* México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1986.

THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*. México, D. F.: Editorial Pátria, 1994.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do "outro"*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VARGASLUGO, Elisa. *Imágenes de la Inmaculada Concepción en la Nueva España*. Anuario de Historia de la Iglesia, año/vol. XIII. Universidad de Navarra. Pamplona: España, 2004, p. 67-78.

WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico.* México, D. F.: Fondo de Cultura Económica – Segunda edición revisada (El Colégio de México), 1994.